

instituto de arte contemporânea

**ARTE
CONCRETA**

outubro de 2000

ruptura

charroux — cordeiro — de barras — fejer — haar — sacilotto — wladyslaw

a arte antiga foi grande, quando foi inteligente.
contudo, a nossa inteligência não pode ser a de Leonardo.
a história deu um salto qualitativo

não há mais continuidade!

então nós distinguimos

• os que criam formas novas de princípios velhos.

• os que criam formas novas de princípios novos.

por que?

o naturalismo científico da renascença — o método para representar o mundo exterior (três dimensões) sobre um plano (duas dimensões) — esgotou a sua tarefa histórica.

foi a crise

foi a renovação

hoje o novo pode ser diferenciado precisamente do velho. nós rompemos com o velho por isto afirmamos:

é o velho

- todas as variedades e hibridações do naturalismo;
- a mera negação do naturalismo, isto é, o naturalismo "errado" das crianças, dos loucos, dos "primitivos" dos expressionistas, dos surrealistas, etc. . . . ;
- o não-figurativismo hedonista, produto do gosto gratuito, que busca a mera excitação do prazer ou do desprazer.

é o novo

- as expressões baseadas nos novos princípios artísticos;
- todas as experiências que tendem à renovação dos valores essenciais da arte visual (espaço-tempo, movimento, e matéria);
- a intuição artística dotada de princípios claros e inteligentes e de grandes possibilidades de desenvolvimento prático;
- conferir à arte um lugar definido no quadro do trabalho espiritual contemporâneo, considerando-a um meio de conhecimento deduzível de conceitos, situando-a acima da opinião, exigindo para o seu juízo conhecimento prévio.

arte moderna não é ignorância, nós somos contra a ignorância.



A escola suprematista, com Malevitch, seu principal representante, já renunciava o desabrochar do concretismo.

Deve-se o uso da expressão "Arte Concreta" a Theo Van Doesburg, contemporâneo de Mondrian (década de 30).

Além da crítica à arte naturalista, o primeiro momento — de ruptura — combate qualquer teor individualista, enaltece o planejamento racional da obra capaz de torná-la possível de ser introduzida na ordem produtiva.

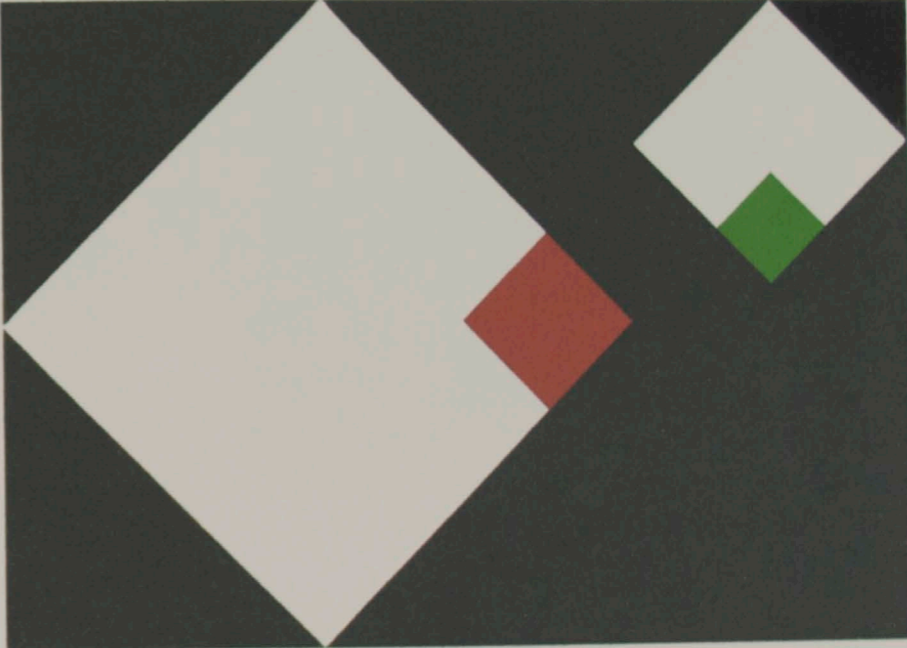
A arte concreta não quer ser vista como um estilo, mas como uma possível ciência da arte.

A eliminação de todo sinal de mão, advindo do desenho a régua, as possíveis combinações de cores puras, as linhas e formas pela continuidade e interrupção das mesmas são uma constante na obra desses artistas, onde na "planeidade" da tela, sem a profundidade, tudo é relativo e as retas horizontes e verticais que se contrapõem e, por vezes, os planos parecem que se suprapõem sobrepostos desde o centro, decorrência dos fenômenos da percepção visual no plano único da tela.

instituto de arte contemporânea

...representada, com Malevich, seu principal representante, já
...do construtivismo.
...de uso da expressão "Arte Concreta" a Theo van Doesburg,
...de Mondrian (década de 30).
...de arte concretista, o primeiro momento - de ruptura -
...individualista, enquanto o planejamento racional da obra
...de ser introduzida na ordem produtiva.
...que seja visto como um estilo, mas como uma possível
...da arte.
...de mão, advindo do desenho a régua, as
...de cores púras, as linhas e formas pela continuidade e
...na obra desses artistas, onde na
...de tal, sem a profundidade, tudo é relativo e as retas horizontais e
...os planos parecem que se superpõem
...de centro, descrevem os elementos da percepção visual no
...de tal.

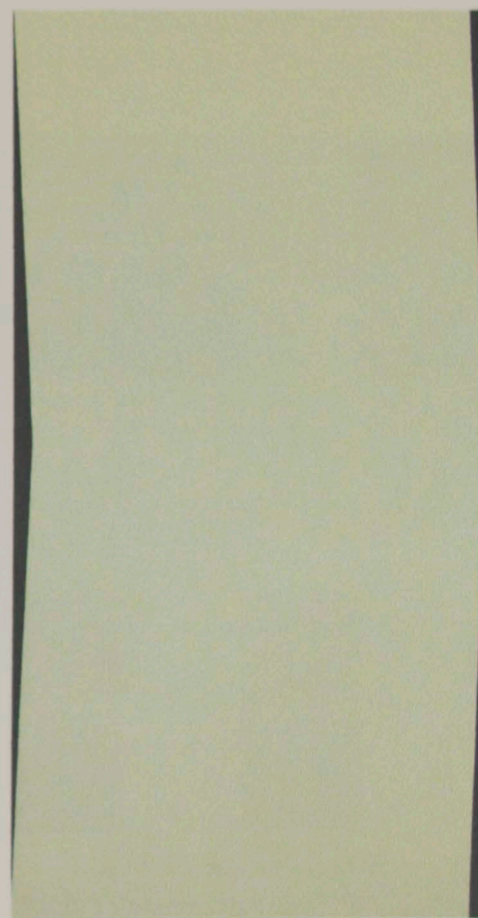
GERALDO DE BARROS



Concreto, 1958
esmalte s/ eucatex
49 x 71 cm

instituto de arte contemporânea

HÉRCULES BARSOTTI



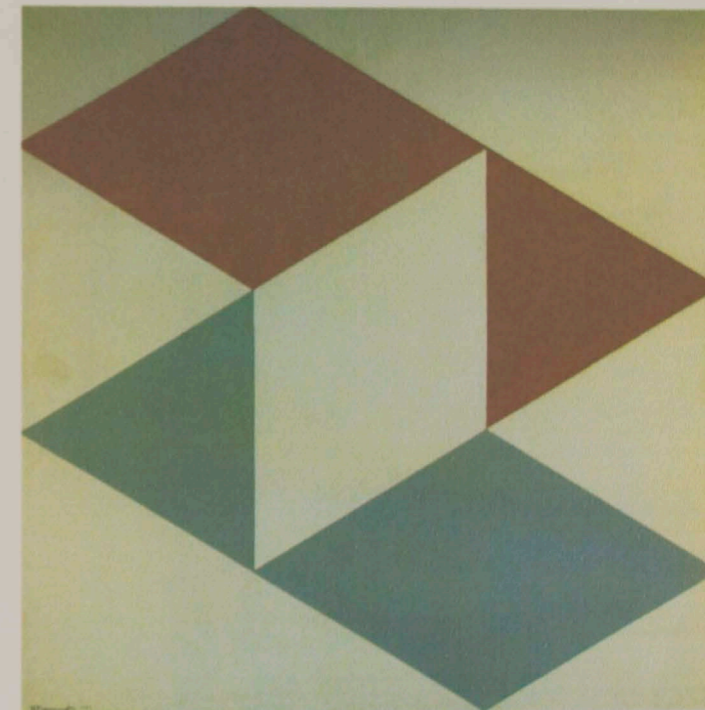
Branco preto, 1950
óleo s/ tela
100 x 50 cm



Concreto, 1958
óleo s/ tela
49 x 71 cm

instituto de arte contemporânea

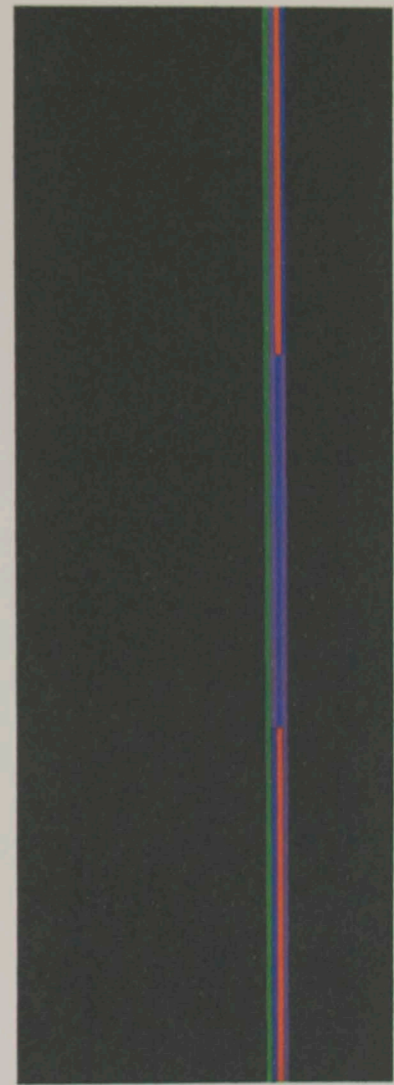
HERMELINDO FIAMINGHI



Virtual XIV, 1958
esmalte s/ eucatex
60 x 60 cm

instituto de arte contemporânea

LOTHAR CHAROUX

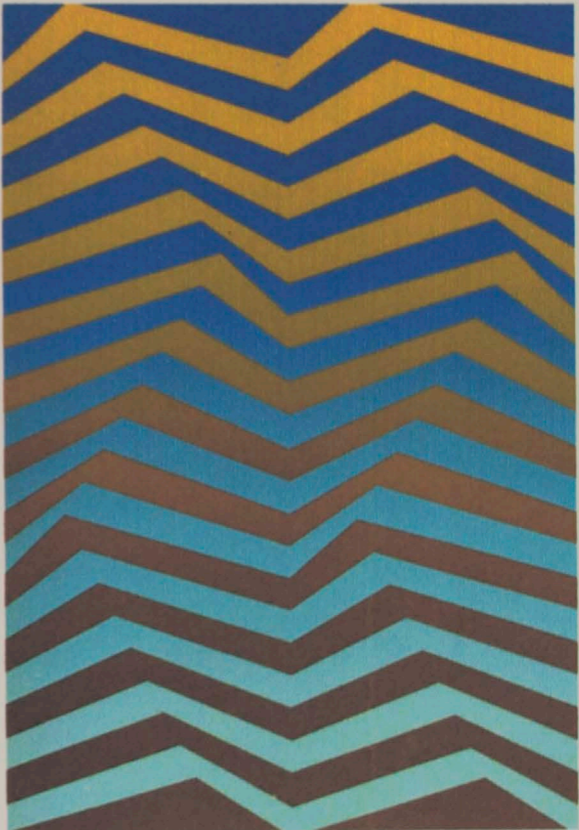


Ritmo

instituto de arte contemporânea



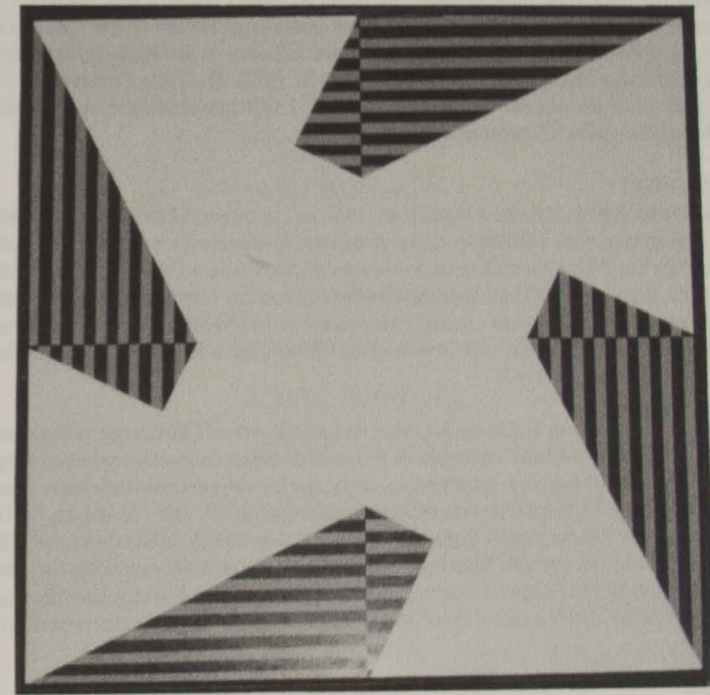
SACILOTTO



serigrafia
70 x 50 cm



Abstrato
1950, 100 x 100



Composição I

VALENTINO CAI

instituto de arte contemporânea

GERALDO DE BARROS (Xavantes, SP, 1923 – São Paulo, SP, 1998)

Estuda com Clóvis Graciano, Colette Pujol e Yoshiya Takaoka entre 1945 e 1947. Precursor da fotografia abstrata no Brasil, é responsável, em 1949, pela organização do laboratório de fotografia do MASP. Como bolsista do governo francês, estuda litografia na École des Beaux-Arts de Paris e gravura no ateliê de Stanley Hayter, em 1951. Nesse período frequenta também a Hochschule für Gestaltung (Escola Superior da Forma) em Ulm, Alemanha, onde inicia seu aprendizado nas artes gráficas com Ott Aicher e se aproxima de Max Bill. Participa da I (Prêmio Aquisição), II, III, IX (Prêmio Aquisição), XIV, XV e XXI Bienais de São Paulo, sendo o responsável pelo setor de fotografias da II Bienal. É um dos fundadores e signatários do manifesto do Grupo Ruptura em 1952. Em 1954, funda a cooperativa Unilabor, dedicada à produção de móveis; em 1957, funda a Forminform, onde cria marcas e logótipos; e em 1964, cria a Hobjeto Móveis. Participa da XXVII Bienal de Veneza (1956), recebendo o Prêmio Aquisição e integra, nesse ano, as duas edições da *Exposição Nacional de Arte Concreta*. Obtém o primeiro prêmio nos concursos de cartaz do IV Centenário de São Paulo. Figura na mostra *Konkrete Kunst* em Zurique, 1960. O ano de 1964 marca seu retorno à figuração; em 1966 participa da criação do Grupo Rex, sob a liderança de Wesley Duke Lee. Retrospectivas de sua obra realizam-se na Casa das Rosas, São Paulo (1993), no Musée de l'Elysée, Lausanne (1993), no CCBB-RJ (1996) e na Galerie Alexandre Mottier, Genebra (1996).

HÉRCULES BARSOTTI (São Paulo, SP, 1914)

Embora tenha estudado desenho e composição de 1926 a 1933 com Enrico Vio em São Paulo, seus primeiros quadros datam do início da década de 40. Formado em Química pelo Instituto Mackenzie em 1937. Em 1957 inicia sua participação na V, VI VII Bienais de São Paulo. Sua primeira individual acontece na Galeria de Arte das Folhas em São Paulo, em 1959. Na década de 50 mantém contato com os artistas cariocas. Integra as mostras *Konkrete Kunst* em Zurique, 1960, *Brasilianische Kunst Heute* em Viena, 1960, *17 Latin American Painters* em Nova York, 1966, *Brazilian Art Today*, no Royal College of Arts, Londres, 1966 e *Imagem do Brasil* em Bruxelas, 1973. Na década de 60, seu trabalho reflete uma significativa ampliação na gama de cores, aproximando-se da vertente op. Em 1962 expõe, com Willys de Castro na Petite Galerie (Rio de Janeiro e São Paulo). Um dos primeiros membros da Sociedade Brasileira de Desenho Industrial de São Paulo, atua também como desenhista de figurinos para teatro. Suas obras são expostas nas mostras *Projeto Construtivo Brasileiro na Arte* (PE-SP / MAM-RJ, 1977), *Tradição e Ruptura* (FBSP, 1984) e *Bienal Brasil Século XX* (FBSP, 1994). Na XIX Bienal de São Paulo (1987), participa da sala especial "Em busca da essência". Expõe individualmente no Gabinete de Arte Raquel Aroux, em 1993, e na Galeria Sylvio Nery da Fonseca, em 1996, ambas em São Paulo. Vive e trabalha em São Paulo.

HERMELINDO FIAMINGHI (São Paulo, SP, 1920)

Inicia atividades nas áreas de artes gráficas, desenho e litografia em 1935, na Companhia Melhoramentos de São Paulo. Estuda desenho e artes gráficas no curso geral do Liceu de Artes e Ofícios, do qual torna-se, posteriormente, professor de desenho. Estuda pintura com Waldemar da Costa, Lothar Charoux, Maria Leontina e Clóvis Graciano. Seu primeiro quadro data de 1939. Em 1957, integra a *Exposição Nacional de Arte Concreta* (MAM-SP, 1956 / MAM-RJ, 1957). Em 1959, integra a mostra de arte contemporânea organizada pelo MAM-RJ, que é vista em Paris, Londres, Hamburgo, Munique, Amsterdam, Zurique, Basileia, Roma, Viena, Madri, Barcelona e Lisboa. Participa de inúmeras mostras e exposições. É homenageado com exposição retrospectiva no MAM-SP em 1980. Participa da III, IV, V, VI, XI (sala especial), XIII Bienais de São Paulo. Grande retrospectiva de sua obra, *Fiaminghi: Car-Luz 1995*, realiza-se em 1995 na Galeria São Paulo. Vive e trabalha em São Paulo.

LOTHAR CHAROUX (Viena, Áustria, 1912 – São Paulo, SP, 1987)

Chega ao Brasil em 1928, estuda pintura com Waldemar da Costa e no Liceu de Artes e Ofícios onde, posteriormente, veio a estudar desenho. A partir de meados da década de 40 sua obra percorre gêneros e estilos diversos – da pintura de paisagem ao retrato de tom expressionista. Integra, em 1946, a mostra *Pintura Contemporânea Brasileira*. A partir de 1948 sua pintura vincula definitivamente às questões construtivas, que irão caracterizá-la desde então. É um dos fundadores do Grupo Ruptura, com o qual expõe no MAM-SP em 1952, nas duas edições da *Exposição Nacional de Arte Concreta* (MAM-SP, 1956 / MAM-RJ, 1957). Na década de 50 há "uma maior inclinação ao registro gráfico que aos procedimentos pictóricos" (Walter Zanini). Participa das nove primeiras Bienais de São Paulo entre 1951 e 1967, tendo integrado a sala especial "Arte construída", na XII edição em 1973, além de todas as mostras do Salão Paulista de Arte Moderna até 1968, exposições em países da América Latina e na IV Bienal de Tóquio, individuais em Milão e na Fundação Cultural do Distrito Federal, em 1976, e em Montevidéu, em 1979. Participa ainda das mostras *Projeto Construtivo Brasileiro na Arte* (PE-SP / MAM-RJ, 1977), *Tradição e Ruptura* (FBSP, 1994) e *Bienal Brasil Século XX* (FBSP, 1994). Possui obras no acervo do MAC-USP, PE-SP, Museu de Arte de Belo Horizonte e MAM-Brasília.

LUÍS SACILOTTO (Santo André, SP, 1924)

Estuda pintura, de 1938 a 1943, no Instituto Profissional Masculino do Brás, formando-se desenhista de letras. Suas primeiras obras datam de 1942 e apresentam, cerca de dois anos depois, afinidades com o expressionismo. Estuda desenho, trabalha como desenhista de letras, publicitário e desenhista de arquitetura nos anos seguintes. É um dos precursores da arte concreta em São Paulo. Participa da XXVI Bienal de Veneza, em 1952, assina o manifesto do grupo Ruptura, integra diversas exposições, realiza relevos sobre alumínio pintado e esculturas em latão e alumínio anodizado. É um dos precursores internacionais da tendência op ao mesmo tempo que apresenta trabalhos focalizando o espaço real versus espaço virtual. É um dos fundadores da Galeria NT - Novas Tendências, em 1963. Manteve-se sempre fiel aos preceitos do concretismo, apesar de experimentar novas linguagens, durante os anos 70. Participa da II, III, IV, VI e VIII Bienais de São Paulo e das mostras *Projeto Construtivo Brasileiro na Arte* (PE-SP / MAM-RJ, 1977), *Tradição e Ruptura* (FBSP, 1994) e *Bienal Brasil Século XX* (FBSP, 1994), além de outras. Uma retrospectiva de sua obra nos anos 50 acontece em 1995, na Galeria Sylvio Nery da Fonseca. Vive e trabalha em Santo André.

VALENTINO CAI

Dedicou-se à pintura e aderiu ao concretismo na década de 50.

Artistas apresentados a partir de Setembro de 1998

- Acervo do CAP
- Élvio Becheroni - pintura
- Caciporé Torres - escultura
- Cláudio Tozzi - pintura
- Cleber Machado - escultura
- Gilberto Salvador - pintura
- Gustavo Rosa - pintura
- Ivald Granato - pintura
- Newton Mesquita - pintura
- Zélio - pintura
- Evandro Jardim - gravura em metal
- Lucila Filizola Chancey - pintura
- Danilo Di Prete - pintura
- Pennacchi - pintura e cerâmica
- Aldemir Martins - gravura
- Arte de Olinda:
 - Maria Lúcia Pereira - pintura
 - Fernando Guimarães - pintura
 - Leonardo Filho - aquarela
 - Tiago Amorim - cerâmica
- Aluisio Rocha Leão - pintura
- Tuneu - aquarela
- Kimi Nii - escultura em cerâmica
- Marinda Ribeiro - escultura em bronze
- Ismênia Coaracy - pintura
- Gravura em Metal:
 - Marcello Grassman
 - Arriet Chaihn
 - Guyer Salles
 - Ana Elisa D. Batista
- Tran Tho - pintura
- Ionaldo Cavalcanti - pintura
- Inge Morath - Caminhos de Santiago - fotos
- Brecheret - esculturas e desenhos
- Arte Indígena
 - Apresentação do Consulado do Peru - Edda Chiappe
 - Benedito Calixto - pintura
 - Nelson Screnci - pintura
 - Clóvis Graciano - pintura
 - Patricio Mascigrande - pintura
- Caminhos do Criar e Fazer:
 - Metal - John Somers e Francisca Junqueira
 - Vidro - Cristal de Sèvres e Elizabeth & Eduardo Prado
 - Parcelana - Vista Alegre, Eduardo B. Castro e M. Eugênia G. Pereira
 - Tear - Marina Lafer
- Lasar Segal - pintura
- Manabu Mabe - pintura
- Nino Ferraz - escultura em metal
- Norberto Nicola - tapeçaria e gravura em computador
- Valter Moraes - pintura

instituto de arte contemporânea

23357